



Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento

Descrições Verbais de Crianças e Jovens Sobre Diferentes Configurações Familiares

Lorena Alves Santana Patrício

BRASÍLIA

DEZEMBRO/ 2016



Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento

Descrições Verbais de Crianças e Jovens Sobre Diferentes Configurações Familiares

Lorena Alves Santana Patrício

Monografia apresentada ao Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento como requisito parcial a conclusão do curso de Especialização em Terapia Analítico-Comportamental Infantil.

Orientadoras: Dra. Ana Rita Coutinho Xavier Naves e Dra. Raquel Ramos Ávila

BRASÍLIA

DEZEMBRO/ 2016

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter me dado força e saúde para seguir em frente e concretizar mais um sonho. E a minha família por estar sempre me apoiando e incentivando.

Aos colegas do curso que proporcionaram ao longo desses dois anos reflexões e crescimento. Aos professores que estiveram presentes dividindo seu conhecimento e nos motivando e ensinando a trabalhar com muita ética.

A toda equipe do Colégio Atuante e em especial a diretora Jorgete Piontkosw, que compreendeu o estudo e possibilitou a pesquisa. E a todas as famílias que autorizaram a participação de seus filhos e os alunos que participaram de forma consciente.

Por fim, à toda a equipe de profissionais do IBAC, em especial às professoras Dra. Ana Rita Naves, Dra. Raquel Ávila e Dra. Laércia Abreu Vasconcelos que foram fundamentais nessa caminhada e contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional. Muito obrigada pelo cuidado e carinho sempre.

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo conhecer o conceito de família com base na descrição verbal de crianças e adolescentes. A família é o primeiro ambiente social em que os indivíduos são inseridos e, apesar das peculiaridades de cada família, de forma geral é neste ambiente que são desenvolvidas as principais relações que possibilitam a aquisição de repertórios comportamentais. As possibilidades de reforçamento e aprendizagens nesse contexto podem ocorrer de forma reforçadora ou não. Com as transformações da sociedade, observou-se também mudança nas dinâmicas familiares, em suas configurações e funções. Atualmente, não se pode falar em uma família apenas, são diversas as possibilidades de configurações e saber se este fato impacta no entendimento das crianças se torna relevante. Desta forma, objetivou-se refletir sobre essas mudanças e o impacto delas na visão do conceito de família. A pesquisa foi realizada com 26 crianças e adolescentes de 8 a 13 anos de uma escola particular localizada na cidade de Serra, no Espírito Santo. Os participantes responderam um questionário e tiveram suas respostas agrupadas em categorias definidas operacionalmente. Os participantes demonstraram ter uma visão positiva da família, definindo-a principalmente por sentimentos positivos como amor, alegria, carinho e por união. Apesar de vivenciarem suas famílias em configurações diferentes, pode-se perceber que aspectos reforçadores advindos da família são esperados independentemente de que forma esta esteja sendo formada. A variável famílias de pais casados ou separados não trouxe resultados discrepantes. O trabalho será discutido a luz da Análise do Comportamento.

Palavras-chave: Família, definição de família, análise do comportamento.

Índice

Agradecimento	iii
Resumo	iv
Introdução	1
As configurações familiares	5
Método	9
Participantes	9
Local e Material	9
Procedimento	10
Resultados	14
Discussão	18
Referências	24
Anexos	28

O presente trabalho pretende abordar o tema família propondo um estudo investigativo com crianças considerando o conceito de família e sua função e analisando as diferentes configurações familiares. A família é o primeiro contexto social da criança e tem uma função social marcante na vida delas, por isso a importância de entender as diferentes configurações familiares e como estas são compreendidas pelas crianças.

O trabalho se utiliza da ciência da Análise do Comportamento para se discutir essa temática acerca da família a partir do discurso apresentado pelos participantes. Para esta ciência, o indivíduo é um ser ativo e seu comportamento é resultado da sua interação com o meio e, conseqüentemente, de sua interação com sua família e com as relações que acontecem nesse ambiente.

Assim, observa-se que o Behaviorismo Radical, como filosofia que respalda a ciência da Análise do Comportamento, adota um modelo selecionista, que considera variadas influências causais, e este modelo causal entende o comportamento como resultado de três níveis de variação e seleção: filogênese, ontogênese e cultura. No nível filogenético, as características genéticas que vão garantir a sobrevivência da espécie serão selecionadas. No nível ontogenético, os comportamentos são selecionados pelas conseqüências que produzem, ou seja, novos comportamentos podem ser selecionados por meio do reforçamento e comportamentos já aprendidos podem ser extintos. Já no nível cultural, os comportamentos sociais são selecionados e se mantêm devido à transmissão cultural entre os diferentes membros da cultura ou entre diferentes gerações, no decorrer do tempo (Carrara, 1998; Skinner, 1953/1993; Tourinho, 2003).

A Análise do Comportamento busca causas ambientais para o comportamento dos organismos e investiga as experiências que o indivíduo passou que podem ter relação com o comportamento, considerando as relações funcionais. Assim, um comportamento pode estar relacionado a inúmeras variáveis ambientais e não apenas a uma. Para entender o

comportamento, é importante analisar a relação comportamento – ambiente, suas relações funcionais e todas as contingências envolvidas com aquele comportamento.

É importante destacar também que, no Behaviorismo Radical, o homem é visto como um ser único, histórico, social, biológico e cultural. Assim, cada indivíduo tem uma história única e por isso o comportamento é variável. Segundo Kahhale (2003), o homem é um ser em transformação, e as interações do homem com o ambiente e outros homens geram formas variadas de comportamento.

A Análise do Comportamento se preocupa com os fenômenos comportamentais e não pretende investigar o que um indivíduo faz, mas sim a relação dele com o seu meio. Assim, sua proposta é interpretar os fenômenos da interação entre o organismo e seu ambiente físico e social (Tourinho, 2001). Skinner (1974/1990) ressalta que o objetivo da ciência do comportamento não é só observar. Por meio da ciência, pode-se prever, estudar o passado e manipular o futuro. Para estudar o comportamento de forma científica, deve-se considerar o mesmo como sendo determinado e ordenado, ou seja, identificando as variáveis do comportamento, pode-se antecipar e determinar os comportamentos do indivíduo.

Segundo Naves e Vasconcelos (2008), a família deve ser entendida a partir de uma abordagem histórica em um amplo contexto social. Para a Análise do Comportamento, a família é um sistema de múltiplos agentes, no qual indivíduos se comportam em grupo de forma complexa, resultando em produtos que não ocorreriam se eles se comportassem de forma individual. Para Dessen e Braz (2008), a família é um sistema complexo composto por vários subsistemas que se relacionam e que se modifica com a influência de seu contexto sócio-histórico-cultural.

Desta forma, entende-se que a família, como o primeiro grupo social no qual o indivíduo está inserido, será responsável pela instalação e manutenção dos primeiros comportamentos operantes, além de difundir as práticas culturais. Com isso, podemos inferir

que a família será o primeiro e talvez o mais importante ambiente onde o indivíduo estabelecerá suas interações e por isso merece análise (Pinheiro & Biasoli-Alves, 2008).

Para a Análise do Comportamento, o ambiente tem grande relevância na determinação do comportamento humano, assim pode-se afirmar que a família, a partir das relações entre os membros, seus padrões de comunicação, comportamental e regras vai promover o desenvolvimento da criança que também vai modificar e influenciar aquele ambiente familiar (Weber, 2008). Dessen e Braz (2008) salientam que a família tem a função de promover o desenvolvimento da criança, mas também pode impedir esse desenvolvimento dependendo da qualidade das relações vivenciadas. A família seleciona os comportamentos mais adequados, reforçando a partir da relação entre seus membros e, funcionando como uma mini cultura, vai também ser responsável pela transmissão dos comportamentos entre as diferentes gerações.

A família é o primeiro grupo social em que o indivíduo é inserido, é ali que terá suas primeiras interações sociais. Mas o que são famílias? Definir família não é uma tarefa fácil. Alguns entendem família como pessoas ligadas por laços afetivos, outros como sendo pessoas com ligações consanguíneas. De acordo com o IBGE (2016), família é “conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, residente na mesma unidade domiciliar, ou pessoa que mora só em uma unidade domiciliar” (p. 01). Já para Oliveira (2003), a família é o primeiro grupo social com estrutura que varia no tempo e espaço. Dessen e Braz (2008) concordam que a família é o primeiro ambiente de socialização do indivíduo e que tem grande relevância para o desenvolvimento do mesmo, além disso é um sistema complexo formado por vários subsistemas que influenciam um ao outro.

Quando pensamos em família, criamos uma imagem da família nuclear burguesa, composta de pai, mãe e crianças vivendo juntos. Desta forma, as famílias desenhadas de

formas diferentes são consideradas desestruturadas, tendo este modelo o foco na estrutura e não nas relações (Szymanski, 2000). Para essa autora, devem ser consideradas as particularidades de cada família que tem sua cultura própria, seus valores e formas de comunicação.

A UNICEF (1994) enfatiza que apesar das discussões sobre o enfraquecimento da família, ela ainda está presente e continua sendo um lugar de socialização, busca da sobrevivência e primeiro local para ensinamentos sobre respeito e direitos humanos. A família é necessária para garantir a sobrevivência e o desenvolvimento pleno do indivíduo independentemente de sua configuração e é responsável por proporcionar bem-estar, suporte material e afetivo e transmitir os valores morais.

Para Pinheiro e Biasoli-Alves (2008), o papel da família é de ser o primeiro educador e núcleo social responsável pela formação da personalidade que vai influenciar o desenvolvimento social, cognitivo e psicológico da criança, além da transmissão de valores, conhecimento e vínculo. Zamberlan e Alves (2008) acrescentam que a família é formada por laços de parentesco e relações interpessoais marcadas pelo apoio, divisão de tarefas, cuidados e ajuda.

No âmbito jurídico, a família deve ser compreendida de forma pluralista, mas o elemento definidor é a afetividade existente entre os integrantes. A família não é entendida mais como instituição, mas sim como instrumento de desenvolvimento da personalidade dos indivíduos e formação da sociedade (Dias, 2011). Santos e Santos (2009) apresentam três visões para o significado de família no mundo jurídico, a família amplíssima que abrange pessoas ligadas por laço consanguíneo ou afinidade, família lata que compreende as relações de parentesco e família restrita que compreende as pessoas ligadas pelo matrimônio e filiação.

Na visão da sociologia, a família é a primeira instituição social em que o indivíduo é inserido e terá sua cultura e regras de funcionamento, controle e comportamento próprio que deve desempenhar a função econômica e educacional. Assim, cada família é diferente e varia em relação ao número e forma de casamento, o tipo de família e papéis desempenhados (Oliveira, 2003).

Analisando pesquisas que investigaram o conceito de família para as crianças, Wonstret, *et al.* (2000) observaram que as crianças possuem uma visão positiva e idealista sobre a família, sendo que para se ter uma família é necessário no mínimo pai e mãe, mas ressaltam também que o conceito de família não é definitivo, ele muda de acordo com a cultura e com a família. Müller (2010) observou que as crianças têm uma visão da família estendida, agregando parentes, vizinhos e até animais de estimação como sendo família. Carvalho, Moreira e Rabinovich (2010), em estudo com 120 crianças, também observaram que a família é o local de formação de identidade e de proporcionar as necessidades básicas para os indivíduos.

As configurações familiares

A família está mudando com as transformações do mundo. Não existe apenas uma forma única de família, nem mesmo um formato ideal. O que se observa atualmente são várias configurações de famílias (Pinheiro & Biasoli-Alves, 2008; Weber, 2008; Zamberlan & Alves, 2008;). Muitas foram as mudanças nas configurações familiares ocorridas no século XX, tais como perda do status do pai, maior inserção da mulher no mercado de trabalho e maior participação da mesma nas decisões familiares, diminuição do tamanho das famílias e o aumento do número de divórcios. A configuração familiar hegemônica não é apenas mãe, pai e filho, observa-se que a estrutura familiar se modificou (Dias 2011; Oliveira, 2003; Sarti, 2000). “A família sofre fortes influências políticas, econômicas, sociais e culturais,

ocasionando mudanças nos papéis e nas relações em seu interior, bem como alterando sua estrutura no que diz respeito à composição familiar” (Simionato & Oliveira, 2003, p. 163).

Segundo Genofre (2000), no entender jurídico, família é um grupo de pessoas “ligadas entre si pelos vínculos de casamento, parentesco ou afinidade” (p. 97). De acordo com o autor, sob a influência do direito romano e do pensamento da igreja, para a lei civil, a família era entendida como indissolúvel, só podia ser constituída por meio do casamento e era reconhecido o poder patriarcal. Mas, em 1977, com a Emenda Constitucional foi instituído o divórcio no Brasil e com a Constituição de 1988 ampliou-se o conceito de família, reconhecendo a união estável entre homens e mulheres. Dias (2011) enfatiza que o reconhecimento da existência de outras formas de convívio, a igualdade entre os sexos e o direito de reconhecer os filhos concebidos fora do casamento também foram elementos importantes para a mudança no entendimento sobre família.

Para Sarti (2000), as mudanças ocorridas fora da família afetaram de forma decisiva os padrões de comportamento dos membros familiares. Para ela, as mudanças ocorridas na família é uma ruptura com a tradição e a ênfase na individualidade. Duas mudanças importantes que alteraram a família tradicional foram a autoridade patriarcal e a divisão de papéis familiares, o que alterou consideravelmente a forma de se relacionar entre pais e filhos. Além disso, os papéis e funções de pai, mãe e filhos deixaram de ser bem definidos e as negociações passaram a ser passíveis de serem conduzidas por estes membros (Oliveira, 2003; Sarti, 2000).

Outra mudança ocorrida ao longo dos anos é o crescente número de separações. De acordo com Wagner (2002) e Brito (2007), é cada vez maior o número de separações entre os casais, o que promove o surgimento de novos arranjos familiares, principalmente com os recasamentos que tem sido cada vez mais frequentes. Desta forma, são vastas as diferentes formas de organização familiar. Entretanto, as famílias continuam sendo responsáveis pela

promoção do bem-estar dos indivíduos. Brito (2007) ressalta que é importante que a nova família busque outros significados dentro do novo arranjo.

Dessen e Braz (2008) enfatizam que ainda não se tem dados suficientes sobre as consequências no desenvolvimento de crianças inseridas nas famílias com pais divorciados, mas ressaltam que as famílias reconstituídas passam por um período de adaptação e ajustamento à nova configuração. Para Karl (2004), o divórcio gera conflito entre os pais e por isso em sua maioria traz prejuízos para as crianças, seja em seu desempenho escolar, comportamento ou estado emocional. Apesar dos efeitos do divórcio ser menor do que antes dos anos 1980, eles ainda existem. Para o autor, os efeitos do divórcio persistem na idade adulta podendo os filhos de pais divorciados estarem mais propensos à depressão e se divorciarem também. Ele destaca que os efeitos são mais prejudiciais quando ocorre na infância e adolescência dos filhos e salienta que, com o divórcio, a criança perde um modelo, uma fonte de apoio e de reforço, pode passar por dificuldades econômicas que podem trazer mudanças e tensões para vida dela, além de tornar essas crianças mais inseguras por vivenciarem conflitos entre os pais.

Com o divórcio, surgem as famílias monoparentais que são formadas por somente o pai ou mãe, mas, em sua maioria, são formadas por mãe e filho, apesar de já se observar crescer o número de pais assumindo sozinhos a paternidade. A maior dificuldade enfrentada pelas famílias com esta configuração é o pai ou mãe ter que assumir as duas funções. Mas o efeito positivo destacado é que a criança que vive nessa configuração familiar desenvolve maior maturidade e capacidade de decisão (Hintz, 2001).

Outra mudança observada é o número crescente de famílias multigeracionais nas quais se tem o convívio de várias gerações no mesmo espaço, o que fortalece as relações, mas também pode trazer conflito em relação ao papel e responsabilidades de cada membro (Dessen & Braz, 2008; Dias, Costa & Rangel, 2009). Pinheiro e Biasoli-Alves (2008)

destacam que a transmissão de valores entre as gerações é importante para orientar e determinar os comportamentos.

Desta forma, entende-se que a família foi transformada e pode apresentar diversas configurações, tais como (1) a família nuclear composta de pai, mãe e filho; (2) ampliada que além da família nuclear agrega outras pessoas ligadas biologicamente ao pai e a mãe; (3) família reconstituída que são aquelas refeitas após o primeiro casamento e divórcio; (4) monoparental, que é composta por apenas um genitor; (5) anaparental composta por irmãos; e, (6) homoafetiva que são famílias compostas por pessoas do mesmo sexo (Dias, 2011). Independentemente de sua configuração, todas são famílias, cada uma com suas características, estruturas e funcionamentos.

A criança tem um papel ativo nas relações sociais. Ela estabelece, cria e fortalece as relações, sendo atuantes nesse processo de desenvolvimento. Além disso, elas também são produtoras de cultura, pois vão dar sentidos e significados às experiências que vivenciam. Por isso, as crianças são seres cada vez mais ativos em sua dinâmica familiar, sendo, por isso objetos de estudo neste estudo.

O objetivo deste estudo foi investigar o conceito de família a partir de um questionário realizado com crianças de 8 a 12 anos de uma escola particular do Município da Serra no Espírito Santo. Neste questionário, buscou-se identificar, além do conceito de família, a sua função e analisar as diferentes configurações familiares apresentadas por estas crianças. Os resultados foram apresentados a partir das variáveis pais separados e pais casados.

Método

Participantes

Um total de 26 estudantes que cursavam do 3º ao 7º ano do ensino fundamental, de uma escola particular do Município da Serra no Espírito Santo, de ambos os sexos, com idade entre oito e 12 anos, com pais vivos, participaram desta pesquisa, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1.

Distribuição dos participantes por idade (anos), ano escolar atual e sexo.

Idade (anos)	Quantidade de participantes	Ano escolar	Quantidade de participantes	Sexo	Quantidade de participantes
8	1	3º	6	Feminino	20
9	9	4º	8		
10	8	5º	7		
11	5	6º	2	Masculino	6
12	3	7º	3		

Local e Material

A pesquisa foi realizada em uma escola particular no município de Serra, Espírito Santo, que fica localizada em um bairro de classe média. É uma escola fundada em 1983 que atende desde o ensino infantil até o 9º ano.

Os questionários foram aplicados na biblioteca da escola que fica no andar superior, onde se encontram várias mesas com quatro ou cinco cadeiras. Os alunos que entregaram o Termo de Consentimentos Livre e Esclarecido (Anexo A) assinado pelos pais foram convidados a irem até a biblioteca e sentarem em qualquer mesa, podendo sentar individualmente ou em mesas com outros colegas para responder o questionário.

Foram utilizados questionários e lápis. O questionário continha algumas orientações sobre como respondê-lo e agradecimento (Anexo B). Em seguida, foram solicitadas algumas informações pessoais como sexo, data de nascimento e ano escolar. Posteriormente, foram feitas nove perguntas, sendo as primeiras com o intuito de identificar quantas pessoas

moravam na casa da criança e quem eram essas pessoas, indicando grau de parentesco, com o objetivo de identificar o arranjo familiar. Por fim, as perguntas foram objetivas sobre o estado civil dos pais e se residiam na mesma casa, o que poderia fornecer informações sobre relacionamento legalizado formalmente ou não.

Já as perguntas de número 5 a 9 foram perguntas discursivas. Na pergunta o que é família e como a criança a define se esperava obter dados sobre o significado de família para aquele indivíduo, já na pergunta sobre quem faz parte de uma família, esperava-se identificar se o modelo apresentado pela criança corroborava ou não com o seu significado de família. A pergunta 7 tinha como objetivo investigar qual era a função e para que servia a família, a oitava se pretendia saber se toda pessoa precisa de família, solicitando uma justificativa. A última pergunta do questionário era se todas as famílias eram iguais ou se existem modelos diferentes de família. Essa questão tinha como objetivo identificar as diferentes configurações familiares conhecidas da criança, além de observar se essas iriam fazer referência às famílias de pais separados ou não.

Procedimento

Foi encaminhada à escola, carta de declaração do curso de especialização e cópia do modelo de carta convite (Anexo C) e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE para participação em pesquisa. Posteriormente, foi realizada uma visita à escola na qual foi apresentada à diretora da escola a pesquisa em questão, obtendo assim sua autorização.

Em dia combinado, a pesquisadora, juntamente com a coordenadora, passou em cada sala e apresentaram rapidamente o projeto e distribuíram a carta convite e TCLE para todos os alunos e foi solicitado que entregassem aos responsáveis e devolvessem no dia seguinte assinado no caso dos mesmos terem autorizado a participação dos filhos na pesquisa ou em branco caso não fossem participar. Na turma do quinto ano, a coordenadora divulgou as

informações sobre a pesquisa e entregou os termos sem a participação da pesquisadora, pois no momento esta turma estava em uma aula em que não podiam ser interrompidos e a coordenadora sugeriu que fizesse tal divulgação em outro momento mais oportuno.

Foram entregues 159 cartas convite, sendo 16 para o 3º ano, 11 para o 4º ano, 21 para o 5º ano, 31 para o 6º ano, 20 para o 7º ano, 23 para o 8º ano e 36 para o 9º ano. No dia seguinte, foram devolvidos à coordenadora ou entregue na secretaria vinte e um termos autorizados e treze sem a assinatura de autorização. Posteriormente, foram entregues sete TCLE autorizados e quatro sem a autorização e no dia da aplicação do questionário foi entregue mais um autorizado e um sem a autorização. Ficou a cargo da escola passar nas salas para recolher e lembrar aos alunos de entregarem os termos de consentimento livre e esclarecido.

Foram autorizados a participar da pesquisa seis alunos do 3º ano, oito do 4ª ano, sete do 5º ano, dois do 6º ano e três do 7º ano, não foi entregue nenhuma autorização de alunos do 8º e 9º ano.

Os alunos que foram autorizados pelos pais a participarem da pesquisa foram retirados de sala de aula e encaminhados para a biblioteca em momento combinado e autorizado pelo professor, onde se sentaram em mesas com até quatro alunos. A primeira aplicação foi realizada com oito alunos do 4º e sete alunos do 5º ano, a segunda aplicação foi realizada com seis alunos do 3º ano. Foram entregues os questionários e solicitado que não escrevessem o nome em nenhum local para resguardar o sigilo, que respondessem de forma verdadeira, que lessem com cuidado as informações e questionamentos, e foram avisados que teriam 20 minutos para responder e poderiam solicitar ajuda da pesquisadora em qualquer momento. Após a aplicação, a pesquisadora agradeceu a participação e entregou a cópia do termo de consentimento livre e esclarecido a ser entregue aos pais.

No dia seguinte, o questionário foi aplicado em mais dois alunos do 6º ano e mais três alunos do 7º ano e, posteriormente, em um aluno do 5º ano que havia faltado à aula no dia anterior e por isso não tinha participado da aplicação do questionário juntamente com sua turma.

Os alunos seguiram o tempo estipulado, apesar de não ter sido marcado e registrado o tempo que cada participante utilizou para responder ao questionário. De forma geral, observou-se que a maioria dos participantes terminou antes do tempo estipulado, apenas quatro alunas utilizaram todo o tempo pré-estabelecido, tendo sido necessário avisar que o tempo estava se encerrando.

Na análise dos resultados em relação à questão sobre quantas pessoas moram na mesma casa, a contagem foi checada com a questão dois sobre quem mora na sua casa. Alguns participantes se incluíram na contagem e outros não, desta forma foi somado o próprio participante na contagem. Assim, a quantidade de residentes por domicílio inclui o participante.

Na análise sobre a questão do que é família, qual a função da família e do porque as pessoas precisam de família, foram consideradas todas as respostas dos participantes, enquadrando assim uma mesma resposta em mais de uma categoria.

As respostas dadas pelos participantes serão analisadas a partir das categorias e definições operacionais apresentadas nas Tabelas 2, 3 e 4. Na Tabela 2 se encontram as 6 categorias identificadas nas respostas dadas pelas crianças.

Tabela 2.

Categoria, definição operacional e exemplos de respostas de definição de família

Categorias	Definição	Respostas
Reforçadores	Sentimentos ou estímulos reforçadores	“Amor, compaixão, felicidade e alegria.” (9anos, 4º ano).
Residência	Contingência de morar com alguém	“tendo com quem morar” (11 anos, 5º ano)
União	Contingência de estar junto com pessoas que gosta compartilhando e dividindo situações da vida.	“...pessoas que se gostam muito e vivem em união.” (11 anos, 5ºano)
Cuidado	Comportamento social de cuidado e zelo	“É quem fica com a gente, que cuida” (11 anos, 5º ano)
Cooperação	Comportamento pro-social de cooperação, ajudar o outro.	“...estão sempre do meu lado ajudando em tudo.” (10 anos, 3ºano)
Membro familiar	Pessoas com relação consanguínea	“é pai, mãe e irmã” (10 anos, 4º ano)

Na Tabela 3 se encontram as em 4 categorias definidas a partir das respostas dadas acerca da função da família e exemplificadas abaixo.

Tabela 3.

Categoria, definição operacional e exemplos de respostas de função de família

Categorias	Definição	Respostas
Educacional	Liberar reforçadores educacionais	“Me ensinar, educar.” (9 anos, 4º ano)
Afetiva	Liberar reforçadores afetivos	“...para ser amada e amar.” (10 anos, 4º ano)
Cuidado e apoio	Criar contingências de cuidado	“...nos ajudar, cuidar da gente.” (10 anos, 3º ano)
Convivência	Estar entre pessoas	“Reunir pessoas ...” (9 anos, 5º ano)

A seguir, na Tabela 4, foram categorizadas as respostas da pergunta sobre qual o motivo de se ter uma família.

Tabela 4.

Motivo de se ter uma família

Categorias	Definição	Respostas
Acesso a reforçadores	Entrar em contato com contingências reforçadoras. Reforçadores tangíveis e sociais.	“...porque é fundamental o carinho e o apoio...” (11 anos, 5º ano)
Não ser sozinho	Esquiva de estímulos aversivos	“...se ela não tiver uma família ela vai ficar muito sozinha.” (10 anos, 4º ano)
Educar	Modelo, instrução	“...para ensinar o certo e o errado.” (13 anos, 7º ano)

Todos os questionários foram recolhidos e as respostas foram analisadas, contabilizadas e transformadas num registro de frequência e posteriormente divididas em categorias diferentes.

Resultados

A partir das informações fornecidas através dos questionários, identificou-se que, dentre os 26 participantes, um total de 69,23% informou serem filhos de pais casados e que moram na mesma casa, 26,92% de pais não casados e que não moram na mesma casa e 3,84% que os pais moram juntos, mas não são casados. Para efeito de análise de dados, o grupo de pais casados e os não casados, mas que moram na mesma casa, serão unidos, pois se entende como sendo união estável.

Observando os dados referentes ao número de residentes por domicílio informado pelos participantes, nota-se uma maior predominância de quatro pessoas por domicílio, formando a família nuclear, pai, mãe e irmão(a). Apenas duas das famílias compostas por

quatro pessoas tinham uma configuração diferente, que era mãe, pai e avó e outra mãe, avó e irmã.

Em relação à pergunta dois do questionário, sobre quem mora em sua casa, observou-se uma maior predominância de famílias com composição pai, mãe e irmão. Das famílias com pais separados, apenas duas apresentam a configuração padrasto, mãe e criança, demonstrando que apenas 28,5% das famílias cujos pais se separaram, refizeram sua composição familiar. Os avós demonstraram fazer parte da dinâmica familiar, principalmente das famílias com pais separados, correspondendo a 57,14%, já das famílias de pais casados 21,05% das famílias apresentam avós na sua composição familiar.

As respostas acerca da definição de família para os participantes foram divididas em categorias conforme Figura 1, ressaltando que uma mesma resposta pode ser enquadrada em mais de uma categoria.

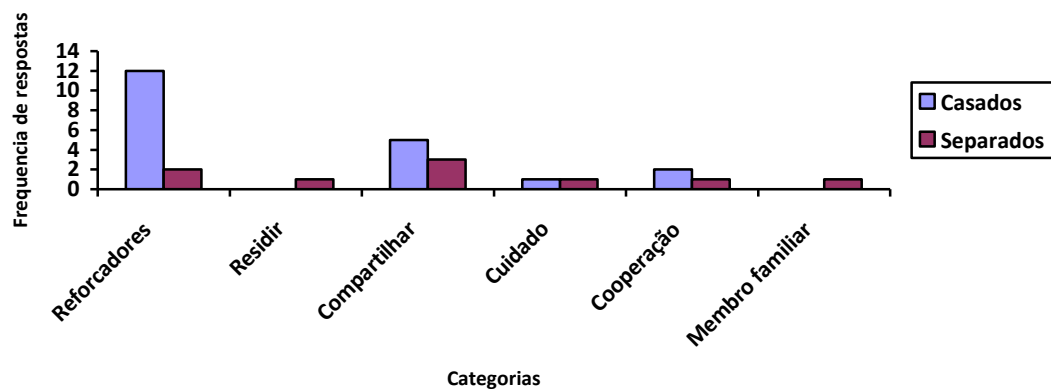


Figura 1. Definição de família

Observa-se uma predominância de 48,27% de respostas na categoria sentimentos ou estímulos reforçadores e em segundo lugar com 27,58% os participantes definem a família como contingência de estar junto com pessoas que gosta, compartilhando experiências.

Observa-se que para as crianças de pais separados, houve respostas acerca da definição de família categorizadas como residência ou membro familiar, o que não houve para as crianças de pais casados.

Em relação à questão seis, sobre quem faz parte de uma família, foram encontradas respostas variadas. De acordo com a Tabela 5, 53,69% dos participantes consideraram pertencer à família pessoas com laço de parentesco (exemplo: pai, mãe, avó) e 30% pessoas apenas com laços afetivos (vizinhos, amigos). Observando as respostas dos participantes com pais separados, a maior incidência de resposta foi de 15% que corresponde a laços afetivos, já os participantes de pais casados, 46% respondeu laço de parentesco e 15% respondeu laços afetivos.

Tabela 5.
Quem faz parte de uma família

Categorias	Pais casados	Pais separados
Laço de parentesco	46%	28,57
Laço de parentesco e laço afetivo	11,5%	14,28%
Laços afetivos	15%	42,85%

A função da família foi investigada a partir da questão “Qual a função da família? Para que serve a família?”. Foi possível definir quatro categorias para as respostas encontradas e algumas respostas foram enquadradas em mais de uma categoria. A categoria Educacional foi encontrada em 14,28% das respostas, Afetiva em 28,57%, Cuidado e Apoio em 51,42% e Convivência em 5,71%, conforme Figura 2.

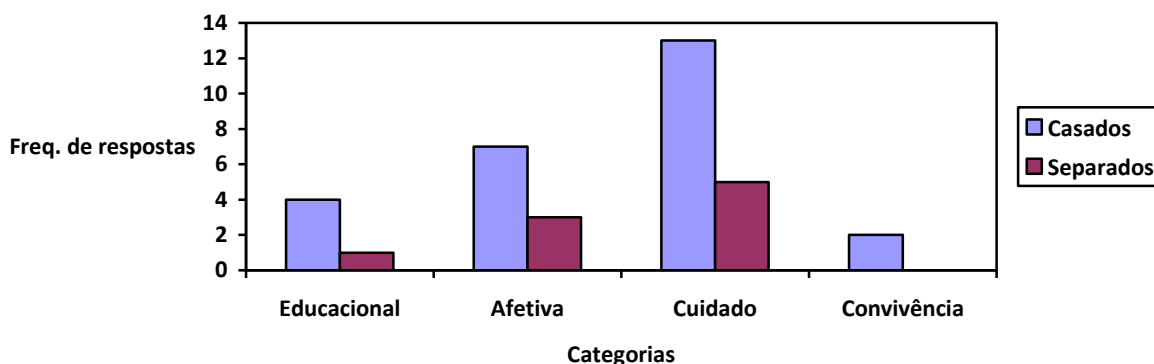


Figura 2. Categorias da função da família

Outra questão investigada foi se os participantes acreditavam que toda pessoa precisa de uma família. Observou-se que 96,15% dos participantes concordaram que precisa e apenas 3,84% acreditam que não, e justificou que só se a pessoa quiser.

Entre as justificativas do porque as pessoas precisam de família, as respostas estão apresentadas na Tabela 6. Uma resposta interessante registrada pelos participantes foi relacionar o fato de não ter família prejudicar o caráter da pessoa, podendo a pessoa se envolver com drogas ou ser uma pessoa ruim caso não tenha família, destacando possíveis consequências negativas.

Tabela 6.
Categorias sobre o motivo de se ter uma família

Categorias	Pais casados	Pais separados
Acesso a reforçadores	52%	57,14%
Não ser sozinho	24%	28,57%
Educar	24%	14,28%

A última indagação do questionário aplicado foi “Todas as famílias são iguais? Ou existem diferentes tipos de famílias?” e 100% concordaram que elas não são iguais, mas justificaram de maneira variada essa diferença. Dos participantes, 19,23% respondeu que não é igual, que é diferente sem justificar de forma completa, outros 19,23% dos participantes

fizeram referência ao fato de existir famílias separadas e casadas, demonstrando que o parâmetro de estado civil é importante para as crianças e 57,69 % justificou utilizando outros parâmetros como forma de ser, cor e raça, bom ou ruim e pobre ou rico. Das respostas que abordaram a diferença das famílias em função do estado civil, quatro eram de pais casados e uma de pais separados.

Discussão

O objetivo desse estudo foi investigar se existia diferença na visão e definição de família para as crianças que vivem em diferentes configurações familiares e em especial comparar as que possuem pais casados e pais separados.

A pesquisa foi realizada com uma amostra pequena, pois, apesar de convidar 159 estudantes, apenas 26 aceitaram participar da pesquisa; acredita-se que este fato ocorreu devido ao período em que a pesquisa foi realizada. A entrega dos termos de consentimento e a aplicação ocorreram nas últimas semanas do ano escolar, conseqüentemente, os alunos, professores e coordenadores estavam envolvidos com as últimas provas do ano e não podiam disponibilizar muito tempo para a pesquisadora divulgar o estudo.

Segundo pesquisa do IBGE (2010), o número de divórcio no Brasil passou de 1,7% em 2000 para 3,1% em 2010 e, observando os resultados sobre a situação civil dos pais das crianças participantes deste estudo, percebe-se um número elevado de pais separados o que reflete os dados do IBGE.

Analisando os resultados, percebe-se que algumas crianças informaram que seus pais não eram casados, mas moravam na mesma casa. Esse dado foi compreendido na pesquisa como sendo uniões estáveis, mas não se sabe se a criança tem conhecimento dos conceitos de união formal e informal, o que pode ter confundido a criança ao responder o questionário. Mas de acordo com dados estatísticos, as uniões informais aumentaram de 28,6% em 2000

para 36,4% em 2010, enquanto que o número de casamentos formais diminuiu de 49,2% para 42,9% (IBGE, 2010).

Além disso, percebe-se, a partir dos resultados, que a maioria das famílias tem uma configuração familiar pequena, mas não muito reduzida. Apesar das mudanças no cenário brasileiro, do menor número de filhos por família e aumento de casais que não desejam ter filhos, pode-se considerar que as famílias investigadas ainda possuem um padrão tradicional, mantendo o tamanho das famílias.

Analisando ainda a configuração familiar, identificou-se a presença de padrasto nas novas composições familiares, mas a figura de madrasta não esteve presente em nenhuma das configurações, apontando que os filhos ainda ficam com a mãe em caso de separação. Não foi investigado qual o convívio que a criança de pais separados tem com o pai. Observou-se também a presença de avós em maior porcentagem nas famílias de pais separados mostrando a presença deles como cuidadores de apoio e até mesmo o retorno da mãe para casa dos pais em caso de separação, principalmente quando não refazem sua composição familiar com um novo casamento.

As categorias sobre a definição de família (Figura 1) foram: Reforçadores, Residência, União, Cuidado, Cooperação e Membro Familiar. Foi alto o número de respostas que se baseou nos sentimentos e todas elas fazem referência a algo bom ou positivo. Independentemente da categoria elencada, todas estão atreladas a reforçadores importantes para a criança, como sentimento bom, cooperar, compartilhar, ajudar, falando sempre de uma definição pautada em reforçadores positivos sociais e que eliciam respostas emocionais positivas. O resultado encontrado corrobora a pesquisa de Wonstret *et al.* (2000) que relacionam a família à união de pessoas e descrevem-na com adjetivos positivos como carinho, amor, alegria.

Sabe-se que família é uma instituição antiga e muito importante para o desenvolvimento do indivíduo. As categorias definidas, a partir das respostas dos questionários, indicam que os participantes apresentam uma visão positiva da família, como algo que possibilita e permite o acesso a reforçadores, como o amor, o carinho, o cuidado. Desta forma podemos entender que a família está ligada a contingências reforçadoras.

Pode-se considerar que a visão dos participantes é uma visão idealista de família, como sendo algo positivo, o que corrobora com Carvalho (2000) que enfatiza a visão idealista da família. Assim, apesar do crescente número de divórcios, da violência e de fatos que retratam o desrespeito entre familiares, ainda sim prevalece a visão positiva.

Não foi observado também diferença na definição de família entre os filhos de pais separados e não separados, os dois apresentam uma visão positiva. Mas dois relatos de filhos de pais separados fazem referência à separação. Um estudante definiu da seguinte forma: “morar perto da mãe. Tendo com quem morar”, outro estudante escreveu: “Conjunto de pessoas que se reúnem para ficarem juntos como um grupo, uma família, mas eu queria que minha família sempre ficasse junta”. No primeiro relato, a criança mora com a mãe e o namorado da mãe e demonstra a consequência da separação, que é morar com apenas um dos pais, já o segundo relato, expressa o desejo que a família ficasse junta, de que os pais estivessem juntos.

Uma questão a ser levantada é se a definição dada pelos participantes reflete as contingências que eles vivenciam em sua família ou se elas dizem respeito ao conceito que aprenderam a partir de relatos, histórias, mídia infantil e censo comum. Por isso, poderiam ser levantadas em outra pesquisa questões sobre situações que remetem à criança a definir de determinada forma a família para investigar se as contingências por ela registrada são vivenciadas por ela ou não.

Os resultados sobre quem faz parte de uma família demonstraram que os participantes não têm uma visão restrita de família nuclear, apenas com pai, mãe e irmão, a maioria apresenta uma visão de família ampliada, agregando outros familiares. Concordando com UNICEF (1994) “... não existe, histórica e antropológicamente falando, um modelo-padrão de organização familiar; não existe a família regular. (...) Pensar as famílias de forma plural pode significar uma construção democrática baseada na tolerância com as diferenças, com o outro.” (p. 28). Carvalho (2000) também compartilha da mesma visão e enfatiza que o ambiente familiar pode ser apresentado de variadas formas de organização, com valores e práticas que são desenvolvidas para solucionar as diversidades que vão se deparando.

A partir da Tabela 5, nota-se que entre os filhos de pais separados, a maioria definiu que quem faz parte de uma família são pessoas ligadas a laços afetivos mais do que por laços biológicos. Acredita-se que se deve ao fato da família se modificar por conta da separação e vivenciar mais contingências de terem contato com outras pessoas, possivelmente, por estas crianças conviverem em contingências diferentes das famílias de pais casados, às vezes se relacionando com mais pessoas que não tem ligação consanguínea, mas relações de apoio e amizade.

Oliveira (2003) destaca que a função da família é garantir a sobrevivência, o bem estar e transmitir valores; já a UNICEF (1994) destaca a sobrevivência, o desenvolvimento e a proteção do indivíduo. Assim, percebe-se que as respostas obtidas refletem a ideia desses autores, pois 51,42% responderam que a função da família é ajudar, cuidar.

Com 14,28% (Figura 2), a função educacional foi destacada pelos participantes. Nessa categoria pode-se dizer que a função da família está dentro do nível ontogenético, pois nesse ambiente, o indivíduo, a partir de modelagem, modelação e imitação, vai aprender novos repertórios. A família tem a função de desenvolver esses novos repertórios, aprimorar habilidades e isso ocorrerá a partir da relação entre os membros familiares.

A família é importante para o desenvolvimento do indivíduo. Para Vicente (1994), a criança já nasce em uma rede familiar e que é nesse lugar que formará sua identidade. Os participantes concordam que toda pessoa precisa de uma família seja para ter amor ou para ter alguém, mas a categoria que teve maior incidência foi acesso a reforçadores tanto para participantes de pais casados como os de pais separados. Assim, entende-se que a família é o local que o indivíduo tem maior possibilidade de ter acesso a reforçadores. Esse dado está de acordo também com a Figura 1 sobre a definição da família, que apresentou maior incidência na categoria sentimentos ou estímulos reforçadores.

A partir da Tabela 6, a categoria não ser sozinho se igualou com a categoria educar, observando os dados de filhos de pais casados. Alguns estudantes justificaram que ter família era importante para se ter um bom caráter. Um participante enfatizou “...pessoas sem pais e irmãos podem ir para a rua e ficar viciado em drogas ...”, “pessoas que não tem família não tem futuro muito bom”. Já para os de pais separados, a incidência foi maior na categoria não ser sozinho do que na educar.

Os participantes afirmaram que as famílias são diferentes, explicitando que são diferentes devido ao estado civil ou às características físicas e sociais ou às formas de se comportar. Essa visão dos participantes corrobora com a ideia de Oliveira (2003) que traz a visão da sociologia que diz que a família é uma instituição social que tem forte influência para o indivíduo, e que segue normas sociais impostas pela sociedade, mas cada uma terá também suas próprias regras de comportamento e assim terá sua própria cultura particular.

O dado de que 100% dos participantes concorda que as famílias não são iguais, mostra que os participantes identificam as inúmeras variáveis e contingências diferentes dentro do contexto familiar e que apesar de terem definido a família com uma visão positiva e idealista não existe um padrão e uma única forma apenas de ser família.

Das respostas obtidas sobre os tipos de diferenças que existem nas famílias, 19,23% se referira ao estado civil e 57,69% justificam com outras variáveis. Com isso, percebe-se que a família tem sua cultura, seu padrão comportamental, assim o estado civil não demonstrou ser algo importante para se perceber a família, mas sim, a forma dos membros se relacionarem. Com isso, entende-se que outras contingências estão envolvidas no entendimento de família.

Dos participantes que fizeram referência ao estado civil, 15,38% era de pais casados e 3,84 de pais separados, o que mostra que apesar dos filhos de pais separados vivenciarem uma estrutura familiar diferente do dito tradicional, não foi algo presente no discurso ao pensar nas diferenças das famílias, talvez porque enxerguem como algo natural o fato de serem filhos de pais separados.

A UNICEF (1994) ressalta que “família, enquanto forma de agregação, tem uma dinâmica de vida própria, afetada pelo processo de desenvolvimento sócio-econômico pelo impacto da ação do estado através de suas políticas econômicas e sociais.” (p.12). Desta forma, pode-se considerar que a família é produto de uma contingência maior, que será influenciada por ela e também influenciá-la.

Com tudo isso, pode-se perceber que as crianças têm uma visão positiva da família, idealista apesar de nem sempre estarem vivenciando contingências positivas dentro da mesma. Assim, acredita-se que é importante realizar pesquisas qualitativas, com o objetivo de investigar mais profundamente as relações familiares para compreender essa mini cultura e refletir sobre que caminhos seguir para mantê-la.

Sugere-se que pesquisas sejam realizadas nesta área utilizando outros métodos de investigação, amostras maiores e com diferentes aspectos culturais. Como a pesquisa foi realizada com uma população de classe média, acredita-se que seria interessante realizar uma pesquisa com um grupo maior e com populações de classes economicamente diferentes para

investigar se tal variável mostraria resultados diferentes. De acordo com dados do IBGE (2010), nota-se maior número de divórcio nos Estados mais ricos.

O trabalho se propôs a investigar o conceito de família na visão de crianças neste momento de grandes transformações das estruturas, arranjos e conceitos de família. Mas apesar de atualmente não termos apenas um modelo de família e não existir mais um modelo ideal, a família ocupa um lugar central na vida das crianças, principalmente por ser responsável, como se observa nos dados sobre função da família, por um papel fundamental na formação do indivíduo e na modelagem de seus comportamentos. Independentemente de terem suas configurações diferentes por terem pais separados ou casados, os participantes apresentam uma visão positiva da família, mas alguns fatores se diferenciam como a participação de outras pessoas na convivência dos participantes e no apoio de sua criação. Assim, percebem-se outras contingências sendo criadas para suprir o apoio de relações consanguíneas.

Referências

- Brito, L. (2007). Família pós-divórcio: a visão dos filhos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(1), 32-45.
- Carrara, K. (1998). *Behaviorismo radical: crítica e metacrítica*. São Paulo: FAPESP
- Carvalho, A., Moreira, L., & Rabinovich, E. (2010). Olhares de crianças sobre a família: Um enfoque quantitativo. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 16(3), 417-426.
- Carvalho, M. C. B. (2000). O lugar da família na política social. Em M. C. B. Carvalho (Org.), *A família contemporânea em debate* (pp.15-22). São Paulo: EDUC/Cortez.
- Dessen, M. A., & Braz, A. L. C. J. (2008). A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. Em M. A. Dessen, & A. L.C. J. Braz (Org.), *A ciência do*

- desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp.113-131).
Porto Alegre: Artmed
- Dias, C. M. S. B., Costa, J. M., & Rangel, V. A. (2009). Avós que criam seus netos: circunstâncias e conseqüências. Em T. F. Carneiro (Org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (pp.158-176). Rio de Janeiro: PUC Rio.
- Dias, M. B. (2011). *Manual de direito das famílias*. São Paulo: Revistas dos tribunais.
- Genofre, R. M. (2000). Família: uma leitura jurídica. Em M. C. B. Carvalho (Org.), *A família contemporânea em debate* (pp.97-104). São Paulo: EDUC/Cortez.
- Hintz, H. C. (2001). Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade. *Revista Pensando famílias*, 3,8-19.
- IBGE (2016). *Indicadores Sociais Mínimos*. Retirado do <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/conceitos.shtm>
- IBGE (2012). *Comunicação Social*. Retirado do <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=1&idnoticia=2294&busca=1&t=registro-civil-2011-taxa-divorcios-cresce-45-6-um-ano>.
- Kahhale, E. M. P. & Sanchez, S. G. (2003) História da psicologia: a exigência de uma leitura crítica. Em A. M. Bahia (Org.) *A perspectiva sóciohistórica na formação em psicologia* (pp.11-40). Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- Karl, R. V. (2004). *A criança*. São Paulo: Pretice Hall
- Muller, F. (2010). Um estudo etnográfico sobre a família a partir do ponto de vista das crianças. *Currículo sem fronteiras*, 10(01), 246-264.
- Naves, A. R. C. X. & Vasconcelos, L. A. (2008). Contingências e metacontingências: Um estudo explanatório. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 4(01), (13-25).

- Oliveira, P. S. (2003). *Introdução à sociologia*. São Paulo: Ática.
- Pinheiro, M. H. C., & Biasoli-Alves, Z. M. M. (2008) A família como base. Em L. N. D. Weber (Org.). *Família e desenvolvimento*. Curitiba: Juruá.
- Santos, J. B., & Santos, M. S. C. (2009). Família monoparental brasileira. *Revista Jurídica da Presidência*, 10(92), 1-30.
- Sarti, C. A. (2000) Família e individualidade: um problema moderno. Em M. C. Falcão (org), *A família contemporânea em debate* (pp.39-50). São Paulo: EDUC/Cortez.
- Simionato, M. A. W., & Oliveira, R.G. (2003). *Funções e transformações da família ao longo da história*. I Encontro paranaense de psicopedagogia, ABPppr.
- Skinner, B. F. (1953/1993). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov & R. Azzi, trads.). São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1974/1990). *Questões recentes na Análise do Comportamento*.(Anita L. Neri, Trad.). São Paulo: Papirus.
- Szymanski, H. (2000). Teorias e “teorias” de famílias. Em M. C. B. Carvalho (Orgs.), *A família contemporânea em debate* (pp.23-28). São Paulo: EDUC/Cortez.
- Tourinho, E. Z. (2001). Eventos privados em uma ciência do comportamento. Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Vol. 1. Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista* (pp. 160-171). Santo André: Esetec.
- Tourinho, E. Z. (2003). A produção do conhecimento em psicologia: a análise do comportamento. *Psicologia: Ciência e profissão*, 23(2), 30-41.
- UNICEF (1994) *Família brasileira a base de tudo*. São Paulo: Cortez.
- Vicente, C. M. (1994) O direito à convivência familiar e comunitária: uma política de manutenção do vínculo. Em S. M. Kaloustian (Org.). *Família brasileira a base de tudo* (pp.12-25). São Paulo: Cortez /UNICEF.

- Wagner, A. (2002). Possibilidades e potencialidades da família. Em A. Wagner (Org.) *Família em cena: tramas, dramas e transformações* (pp.23-28). Petrópolis: Vozes.
- Weber, L. N. D (2008). Interações entre família e desenvolvimento. Em L. N. D. Weber (Org.). *Família e desenvolvimento – Visões interdisciplinares* (pp.09-20). Curitiba: Juruá
- Wonstret, L., Tulio, E., Thiessen, E., Centa, M., & Stefanelli, M. (2000). Conceito de família para crianças de 9 a 12 anos. *Família, Saúde e Desenvolvimento*, 2(1), 66-71.
- Zamberlan, M. A. T., & Alves, Z. M. M. B. (2008). Interações familiares: A perspectiva ecológico-relacional. Em M. A. T. Zamberlan (Org.). *Interações familiares: teoria, pesquisa e subsídios à intervenção* (pp.01-22). Londrina: EDUEL



Anexo A

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -
PARTICIPAÇÃO DO(A) ESTUDANTE**

(Em acordo às Normas da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde - MS)

O(a) estudante _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, intitulada “Concepções de crianças e jovens sobre diferentes arranjos familiares”, que será desenvolvida pela psicóloga Lorena Patricio como parte da monografia de final do Curso de Especialização em Terapia Analítico-Comportamental Infantil, oferecido no Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento (IBAC), sob orientação da Profa. Ms. Raquel Ramos Ávila (CRP 01/9494). Para que o(a) Sr(a) compreenda a pesquisa, apresentarei algumas informações gerais a fim de esclarecer questões éticas relevantes e explicar como será a participação do(a) estudante, caso o(a) Sr(a) a autorize.

O principal objetivo da pesquisa é conhecer as opiniões de crianças e jovens do 3º ao 9º ano sobre diversos arranjos familiares atualmente existentes. O(a) estudante participará respondendo por escrito, em uma única ocasião, a um conjunto de perguntas apresentados na forma de questionário, o qual será entregue e preenchido pelos estudantes individualmente. Não será necessário identificar o questionário com o nome do(a) estudante, de modo que a identidade de cada participante será preservada. A aplicação do questionário ocorrerá na própria sala de aula em um dia letivo do atual semestre, mediante autorização da equipe de profissionais da área pedagógica a fim de que não existam perdas significativas de conteúdo acadêmico. Essa atividade deverá ter duração aproximada de 20 minutos.

A participação do(a) estudante na pesquisa, em particular ao responder às perguntas do questionário, não traz nenhum risco à sua saúde física ou psicológica. Vale ressaltar que esta pesquisa não consiste em um tratamento com objetivos psicoterápicos específicos ou benefícios diretos intencionalmente planejados ou esperados para cada um dos participantes, mas sim em uma investigação acadêmica com fins de produção de conhecimento. O(a) estudante pode se recusar a participar da pesquisa a qualquer momento ou o(a) Sr(a). pode solicitar a interrupção da participação dele(a), sem que isto cause qualquer constrangimento ou penalidade por parte da equipe de pesquisa ou dos(as) profissionais da instituição de ensino.

Quando da apresentação e análise de dados obtidos no questionário, a pesquisadora responsável utilizará nomes fictícios fazer referência ao(a) estudante. Não será permitido que

outros profissionais, além dos pesquisadores envolvidos diretamente neste trabalho, leiam as respostas dadas pelo(a) estudante, nem mesmo as profissionais da escola, o que significa que o sigilo das informações dadas por ele(a) será resguardado. Todos os questionários serão guardados pela pesquisadora responsável e somente poderão ser acessados pelos outros pesquisadores envolvidos. Após a conclusão da coleta e análise de dados, a monografia será disponibilizada no site do IBAC (www.ibac.com.br) ou poderá ser enviada aos interessados diretamente pela pesquisadora responsável.

Se o(a) Sr(a) ou o(a) estudante tiver qualquer dúvida ou quiser outras informações sobre a pesquisa, pode entrar em contato com: (1) a pesquisadora responsável, Lorena Patrício, pelo telefone (27) 99647350 ou pelo endereço de e-mail lo.lasp@yahoo.com.br; (2) a professora orientadora, Raquel Ávila, pelo telefone (61) 81227903 ou pelo endereço de e-mail raquel@ibac.com.br; e (3) IBAC pelo telefone (61) 32425250 ou pelo endereço e e-mail ibac@ibac.com.br.

Ao assinar este documento, o(a) Sr(a) confirma que conhece todas as informações que foram apresentadas no mesmo e concorda com a participação do(a) estudante pesquisa. Portanto, antes de assinar, e no transcorrer da pesquisa, é importante que o(a) Sr(a) faça perguntas caso tenha quaisquer dúvidas.

Eu, _____ ,
responsável por _____ ,
afirmo que fui informado(a) de todas as condições descritas neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e autorizo a participação do(a) estudante na pesquisa intitulada “Concepções de crianças e jovens sobre diferentes arranjos familiares” conduzida pela psicóloga Lorena Alves Santana Patrício. Afirmo também que recebi uma cópia desse documento e que tive a oportunidade de fazer perguntas sobre quaisquer dúvidas junto à pesquisadora responsável.

Local e data: Serra, _____ de _____ de
2012.

Assinatura do(a) responsável pelo(a) estudante: _____

Grau de parentesco com o(a) estudante: _____

Assinatura/Rubrica do(a) aluno(a): _____

Assinatura da pesquisadora responsável:



Anexo B
QUESTIONÁRIO

Caro(a) estudante,

Gostaria de pedir que leia com atenção as perguntas abaixo e responda individualmente todas da forma mais sincera possível. Não há respostas certas ou erradas, o importante é que escreva sua opinião sobre as diferentes perguntas relacionadas à família.

Obrigada por aceitar participar dessa pesquisa!

Lorena Alves Santana Patricio

Pesquisadora Responsável

Psicóloga – CRP 16/2563 _____

Sexo: () Feminino () Masculino

Data de nascimento: ____ / ____ / _____

Ano escolar: _____

1. Quantas pessoas moram em sua casa?

2. Quem mora na sua casa? Responda indicando o grau de parentesco (ex. pai, mãe, irmão, avó, tio) e não os nomes.

3. Seus pais são casados? () Sim () Não

4. Seus pais moram na mesma casa? () Sim () Não

5. O que é família para você? Como você definiria “família”?

6. Na sua opinião, quem faz parte de uma família?

7. Qual a função da família? Para que serve a família?

8. Você acha que toda pessoa precisa ter uma família? Por quê?

9. Todas as famílias são iguais? Ou existem diferentes tipos de famílias? Justifique sua resposta.

Anexo C



Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento

CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Prezado(a) responsável,

Com o apoio do Colégio Atual, estou desenvolvendo uma pesquisa como parte da monografia do Curso de Especialização Terapia Analítico-Comportamental Infantil vinculado ao Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento (IBAC) e gostaria de solicitar sua autorização para a participação do(a) estudante pelo(a) qual é responsável.

Envio em anexo o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” no qual apresento informações gerais sobre a pesquisa, as quais foram brevemente transmitidas à toda a turma de estudantes em sala de aula e podem ser recuperadas sempre que necessário, consultando-se este documento escrito.

Por gentileza, queira ler o documento em sua totalidade e, caso concorde com a participação do(a) estudante, solicito que o(a) Sr(a) e o(a) estudante o assinem. Em seguida, solicito que o documento assinado seja devolvido pelo(a) estudante ou pelo(a) Sr(a) diretamente para a orientadora educacional. O termo original com as assinaturas será mantido com a pesquisadora responsável e será enviada ao Sr(a) uma cópia do mesmo.

Caso não autorize a participação do(a) estudante, solicito que o documento em branco seja também devolvido à orientadora educacional para que possamos nos certificar de que foi de fato entregue ao(a) Sr(a).

Atenciosamente,

Lorena Alves Santana Patricio

*Pesquisadora Responsável
Psicóloga – CRP 16/2563*